

Aquisição da linguagem e formação de vínculo

um estudo longitudinal

Sérgio Scotti

Professor do Depto de Psicologia da UFSC

Resumo

Este trabalho, é a comunicação de uma pesquisa realizada durante 18 (dezoito) meses com crianças de 01 (um) ano de idade que procurou identificar variáveis significativas para a compreensão da aquisição da linguagem, a partir das hipótese de Vygotsky e do conceito "vínculo" de Pichon Riviére. Os resultados da pesquisa, apontaram para a importância da interação da criança com o adulto na aquisição da linguagem.

Palavras-chave: Vygotsky; Pichon Riviére; aquisição da linguagem.

Abstract

This study is a communication on a research carried out during 18 (eighteen) months with one-year-old children that tried to identify significant variables for the understanding of language acquisition starting from Vygotsky's hypothesis and the Pichon Riviére's concept of "linkage". The results of the study show the significance of the interaction of the child with the adult in language acquisition.

Keywords: Vygotsky; Pichon Riviére; language acquisition.

Introdução

A hipótese básica desta pesquisa é a de que a aquisição da linguagem oral da criança se dá através da interação com o adulto e pela internalização do vínculo com o mesmo, mediado pelo uso de palavras. Tal hipótese baseia-se nas concepções dos autores russos VYGOTSKY, LURIA e LEONTIEV, que compreendem a linguagem como fato fundamentalmente social, e na concepção de “vínculo” de Pichon Riviére.

Opondo-se ao associacionismo (behaviorismo) e ao inatismo (CHOMSKY), VYGOTSKY procura ressaltar o papel fundamental que exerce o adulto na interação com a criança através da linguagem, concebendo esta como adquirida através da interação.

RIVIÉRE por seu lado, opondo-se ao instintivismo de FREUD, propõe uma psicologia que vê o psíquico como resultado da internalização da interação com o outro.

Trata-se aqui então, de se propor que a internalização da interação da criança com o adulto se dá através da palavra e pela formação de um discurso. Um discurso interno que reflete e estrutura o vínculo.

Como se dá a aquisição da linguagem? Como a criança aprende a falar? Para lançar alguma luz sobre estas questões e outras mais específicas como: Através de que processos se dá a aprendizagem da língua? Lançamos mão do conceito de “atividade” de LEONTIEV.

Através desse conceito da “atividade”, que se estrutura enquanto um conjunto de ações que buscam determinados fins por meio de operações que se relacionam com as circunstâncias em que se desenvolve a atividade mesma, procuramos compreender a atividade da criança como geradora de linguagem. Atividade essa que é sempre intermediada pelo adulto que é portador daquilo que LURIA chamava de ferramenta mais importante do homem: a linguagem.

Tal como acontece na atividade do brincar, em que a contradição entre a necessidade de dominar o meio e as reais

operações que a criança é capaz de realizar, cria-se a fantasia. Nossa hipótese é a de que também a linguagem, ou o uso da palavra como um instrumento, é produto dessa mesma contradição, produto esse que possibilita à criança a satisfação de suas necessidades.

A ação verbal torna-se então uma ação instrumental que permite à criança atingir seus fins relacionados à sua atividade principal que é o brincar.

O ponto crucial no desenvolvimento da linguagem ou no de qualquer ação humana, é aquele em que o uso da palavra torna-se uma atividade em si mesma, e também naquele em que as ações verbais transformam-se em operações mais ou menos automáticas que proporcionam à criança um salto significativo na aprendizagem da língua.

Em todo esse processo ocupa um papel importantíssimo o adulto que serve de modelo, reforça, orienta e corrige a criança estabelecendo com ela um vínculo, e ela com o adulto. Um vínculo, tanto externo quanto interno. Tanto quanto o adulto é mediador da atividade da criança no mundo, a palavra é o mediador da relação dela com o adulto, mediação esta que inicialmente é externa mas que, gradualmente, se internaliza na forma de linguagem.

Metodologia

Nesta investigação foi utilizado o método descritivo aplicado ao que podemos chamar um estudo longitudinal. O uso da palavra como meio ou canal, através do qual se dá a interação entre a criança e o adulto, foi o *focus* dessa pesquisa que se utilizou da observação de campo com registro audiovisual.

Foram observadas duas crianças, um menino e uma menina com idade de doze meses que faziam parte da população do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC.

Os sujeitos foram observados durante um ano e seis meses, ou seja, até atingirem a idade de 30 meses. Durante esse período, as observações tiveram a duração de uma hora

por sujeito em uma vez por semana até a idade de 20 meses, e dos 20 aos 30 meses de idade durante uma hora a cada quinze dias.

Os sujeitos foram observados em situação de fala social (interação com a professora) e fala “egocêntrica” (brinquedo). Simultaneamente, os registros foram analisados através da reprodução das filmagens em vídeo.

Conclusões e comentários

Diz-se que o homem é um ser social. Mas, o que isto quer dizer exatamente? Parece-nos que isto significa que o ser humano é um ser regido por normas, regras, convenções.

À parte o fato político de quem detém o poder de ditar as normas, e de quem se submete ou se rebela contra elas, o que caracteriza o social é a norma. Sem regras, sem a lei não existe o social.

Desde o seu nascimento o pequeno ser humano, ou que será humano, está sendo confrontado com regras, padrões, convenções. O lactente que ainda não desenvolveu plenamente nem mesmo a visão, já está submetido às regras da família, da casa em que vive. E, se tais normas não existem ou são inadequadas, elas serão criadas ou modificadas. Existem as horas das mamadas, os períodos de maior atividade e agitação, e os de repouso, que são normalizados. Os pais de lactentes sabem o quão bem estas normas são difíceis de se estabelecer.

Aos poucos a criança vai assimilando tais normas e, seu próprio corpo, apetite e sono vão se configurando em conformidade com elas. Na interação com os outros ela acaba por criar padrões também. Tais padrões se estabelecem fundamentalmente na comunicação com o adulto, que é mediada pela linguagem. Inicialmente tal comunicação é unilateral, no sentido do uso da linguagem verbal, somente o adulto domina-a. A criança comunica-se, quando ainda é bastante pequena, analogicamente, ou seja, através do gesto, expressão facial, etc. E o que ela comunica são estados afetivos ou necessidades. Talvez nem se possa falar ainda de uma linguagem propriamente dita, mas de uma troca de palavras e ges-

tos, onde as palavras da criança pequena ainda são como que gestos verbais.

Quando começa a aparecer algo que poderíamos chamar propriamente de linguagem no comportamento da criança? Tentando responder a esta pergunta, empreendemos a observação de duas crianças de um ano de idade na situação de interação com a professora de pré-escola e com seus companheiros de turma. A escolha das duas crianças, um menino e uma menina de turmas diferentes, que a partir de agora chamaremos Juca e Dedé; se deu em função de uma pergunta que fizemos às professoras: “Qual a criança desta turma que é mais desenvolvida quanto ao comportamento verbal?” Tal critério deveu-se ao fato de que dispúnhamos de um prazo exíguo, 18 meses, para um estudo longitudinal. Portanto, escolher sujeitos com comportamento verbal mais desenvolvido significava ganhar tempo.

Durante as observações chamaram-nos a atenção alguns aspectos. Antes de tudo devemos ressaltar que a oportunidade de registrarmos as observações em vídeo e podermos repassá-las à vontade, propiciou-nos um manejo bastante acurado dos dados quanto à sua análise em relação ao objetivo da pesquisa que era o de identificar as variáveis envolvidas nas interações da criança que fossem significantes para nossa hipótese de que a linguagem se adquire fundamentalmente através da interação com o adulto ou mais precisamente, através de um vínculo. Então, destacamos os seguintes aspectos:

- o mundo da criança pré-escolar é um mundo de objetos e de palavras, ela se comunica através da ação (atos de fala), presta atenção enorme ao adulto e, o objeto mais importante da sala, da escola, é a professora, ela (a criança) está sempre procurando o rosto da professora;
- a professora é um objeto fundamentalmente falante, está sempre comunicando, falando e repetindo, repetindo... A função *fática* (aquela que reforça, testa, sustenta o canal de comunicação) é extremamente importante na interação do adulto com a criança, pois ele não só se utiliza de símbolos

sonoros para a comunicação com a criança, como reforça constantemente este canal;

- toda ação ou acontecimento importante ocorrido no ambiente, é imediata e repetidamente *revestido* de palavras pelo adulto: “Virou Dedé?” “Virou?” “Virou ou não?”;
- a criança está sempre em ação, e as palavras inicialmente *acompanham* suas ações mais importantes, palavras quase sempre dirigidas à professora. Posteriormente, as palavras, ou o discurso passa a *comandar* as ações, antecipam e controlam as próprias ações.

Como a criança chega a colocar em palavras, através da linguagem, suas intenções, desejos, percepções?

Ao observarmos a interação adulto/criança, repetidamente lembramo-nos de LACAN quando referindo-se à fase do espelho (Seminário I, p.96,148), dizia que o eu da criança forma-se a partir do reflexo do Outro. Utilizaremos como ilustração um tipo de episódio que repetiu-se “n” vezes diante de nossa câmera: a criança está no colo da professora que percebe o olhar daquela em direção ao parque, a professora então diz, “Como seria bom ir ao parque!”, “Quer ir ao parque?”, “Olha o sol, o sol, o sol!”, ou seja, a professora empaticamente percebe as intenções e desejos da criança - ou serão intenções e desejos da professora? -, e transforma-os em palavras.

Seja apenas a transformação em palavras, pela professora, de uma percepção da criança, ou a criação mesmo de uma intenção *na* criança através das palavras que traduzem o desejo da professora, o que importa destacar é o processo de introdução, de *inoculação*, diríamos mesmo, de significantes que o adulto realiza na criança, seja pela tradução empática de um desejo, percepção ou intenção já existente, seja pela criação de algo que até então não existia na própria criança. Algo que *se traduz* ou que *se cria*, ou até as duas coisas ao mesmo tempo, a partir do portador dos significantes (a professora, objeto em si mesmo significante), e o contexto de um dia nublado que repentinamente o sol clareia, colocando às vistas

da criança e do adulto que a segura ao colo (não se sabe de quem primeiro) o parque luminoso!

A impressão que se tem, é que o adulto está o tempo todo tentando seduzir a criança através das palavras, penetrando em sua mente, retirando-a de seu narcisismo. Efetivamente, aceitar, reconhecer o outro, é aceitar o seu discurso, é tomá-lo como seu! Quando a criança toma o discurso do adulto como sendo seu, ela está se identificando com ele, estabelece com ele um vínculo.

Observamos este processo de identificação/imitação, não só em relação ao adulto que fala, mas também com a máquina (furadeira) que faz barulho e assusta as crianças. A reação das mesmas diante do ruído assustador, (coincidentemente de Juca em primeiro lugar) é a de imitar o ruído da máquina “brrrr...” Assim elas se tranqüilizam, controlam seu próprio medo, e podem até brincar com o mesmo barulho. Vemos aqui, tal como no brinquedo (LEONTIEV), que a contradição entre a necessidade de dominar o meio e as reais operações que a criança é capaz de realizar, cria a fantasia; cria também a identificação com o adulto que fala, e que através dessa fala nomeia, regula, controla o meio e a si mesma.

Neste ponto podemos vislumbrar de que maneira se dá a internalização de regras que permitem à criança utilizar a linguagem de modo mais desenvolvido. Parece algo óbvio de se dizer mas, é justamente o óbvio que muitas vezes nos escapa. Quando a criança internaliza, se identifica com o adulto pelos processos que anteriormente descrevemos, ela internaliza um objeto que fala *de um certo modo*, obedecendo a certas regras. Seguindo este raciocínio, tornam-se mais compreensíveis fatos sobejamente observados, como por exemplo, a supergeneralização, em que ao “errar” chamando um boi de “au, au”, ou dando a terminação “i” ao verbo fazer (*fazi*), a criança revela a internalização de uma regra, na verdade, diríamos, a internalização e a reprodução da ação de um objeto (o adulto) que ao falar, para a criança, sobre animais de quatro patas (cães são os animais mais comumente encontrados no meio urbano)

diz, “au, au”, e ao se referir a uma ação no passado, o faz preferencialmente com verbos terminados em “i”.

Ana Quiroga em seu artigo, “A Concepção de Sujeito no Pensamento de Henrique Pichon Riviére” (1980) citando o autor na obra “Da Psicanálise à Psicologia Social”, destaca:

A indagação analítica desse mundo interno levou-me a ampliar o conceito de relação de objeto formulando a noção de vínculo, que defino como uma estrutura complexa, que inclui um sujeito, um objeto e sua mútua inter-relação com processos de comunicação e aprendizagem. Estas relações intersubjetivas são direcionais e se estabelecem sobre a base de necessidades, fundamento motivacional do vínculo. Estas necessidades têm um matiz e intensidade particular, nos quais intervéem a fantasia inconsciente. Todo vínculo assim entendido implica um emissor, um receptor, uma codificação e decodificação da mensagem. Por este processo comunicacional se faz manifestó o sentido da inclusão (o grifo é nosso) do objeto no vínculo, o compromisso do objeto numa relação não linear senão dialética com o sujeito. Por isso insistimos que em toda estrutura vincular e com o termo estrutura já indicamos a interdependência dos elementos, o sujeito e o objeto interatuam, realimentando-se mutuamente. E nesse interatuar se dá a internalização da estrutura relacional, que adquire uma dimensão intra-subjetiva. A passagem ou internalização terá características determinadas pelo sentimento de gratificação ou frustração que acompanha a configuração inicial do vínculo, que será então um vínculo bom ou um vínculo mau. As relações intra-subjetivas ou estruturas vinculares, internalizadas em um mundo interno, condicionarão as características da aprendizagem da realidade (p.21).

Utilizamos-nos da citação de Ana Quiroga como conclusão do que vínhamos tentando demonstrar até então, ao mesmo tempo que com ela introduzimos a consideração de uma variável que talvez seja a mais significativa das que são apontadas pelo nosso estudo e investigação.

No decorrer de nossas investigações notamos por contraste, duas crianças, uma de cada turma de nossos sujeitos, que muito pouco ou quase nada falavam e que eram menos ativas se comparadas com os sujeitos de observação, e mesmo com as outras crianças das respectivas turmas.

Perguntamo-nos se a observação dos sujeitos não estaria influenciando o comportamento das crianças escolhidas e também o comportamento das professoras para com elas. Para tes

tar esta variável, comunicamos às professoras que os sujeitos de observação passariam a ser justamente aquelas duas crianças que menos falavam, sem é claro comentar nossas suspeitas.

Em poucas semanas pudemos perceber e registrar mudanças significativas no comportamento daquelas crianças e no das professoras. Ao mesmo tempo que as professoras dedicavam maior atenção àquelas, as crianças tornavam-se mais ativas e falantes.

Para confirmar nossas próprias observações, já no final da pesquisa perguntamos às professoras e suas assistentes, se haviam notado alguma diferença ou mudança no comportamento daquelas crianças. Em todos os casos a resposta foi a mesma: "Sim, estão falando mais!"

Não é difícil concluir o que ocorreu, à luz do que viemos observando e analisando. Quando houve a troca dos sujeitos de observação, as professoras passaram a dedicar (de maneira inevitável, já que por serem observados destacavam-se dos demais) maior atenção aos novos sujeitos o que modificou o vínculo com aquelas crianças tornando-o mais satisfatório, no sentido de que as necessidades afetivas daquelas crianças passaram a ser mais amplamente satisfeitas propiciando assim uma identificação maior com o objeto bom e com seu discurso, facilitando assim a aprendizagem.

Não queremos nos aventurar a tirar conclusões apressadas nem ditar prescrições a partir de um estudo exploratório como este que teve como objetivo identificar variáveis a serem mais profundamente investigadas. No entanto, cremos que no mínimo apontamos pistas seguras no sentido do maior entendimento do que está implicado na aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Referências Bibliográficas

- CHOMSKY, N. *Linguagem e Pensamento*. Petrópolis : Ed. Vozes, 1971.
_____. *Reflexões Sobre Linguagem*. Lisboa : Edições 70, 1977.
_____. *Regras e Representações - a inteligência humana e seu pro-*

- _____. *Regras e Representações - a inteligência humana e seu produto*. Rio de Janeiro : Zahar, 1987 (original 1980).
- LACAN, J. *Seminário I. Os Escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1979.
- LEONTIEV, A. *O Desenvolvimento do Psiquismo*. Lisboa : Horizonte, 1978.
- _____. *Actividad, Conciencia y Personalidad*. Buenos Aires : Ciências del Hombre, 1978.
- LURIA, A. R. *Pensamento e Linguagem - as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1986.
- LYONS, J. *As Idéias de Chomsky*. São Paulo : Ed. Cultrix, 1976.
- QUIROGA, A. La Concepcion de Sujeto en el Pensamiento de E. Pichon Riviére. In: *Revista da APA* : Espanha, 1980
- RIVIÉRE, E. P. *Teoria do Vínculo*. São Paulo : Martins Fontes, 1982.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo : Martins Fontes, 1989.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo : EDUSP, 1988.